



Najat Zahreddine, a voz do druzismo
em solo brasileiro
*Najat Zahreddine, the voice of drusism
in the land of Brazil*

Entrevista a Najla Gabhar^{1}*

Introdução geral

O Druzismo é a religião dos druzos², que tem sua origem no século X, na cidade do Cairo, Egito. Essa doutrina nasce como uma dissidência do Islamismo da dinastia Fatímida, especificamente da corrente xiita ismaelita. Apesar de publicamente serem conhecidos como tal, autodenominam-se Unitaristas, em árabe *Muahidin*. Insistem em que essa nomenclatura é mais correta, já que anuncia o cerne de sua fé, a crença no Deus único.

Para ser druzo, é necessário nascer druzo, não havendo conversão. Acreditam que, perante Deus, o fundamental é a verdade, e que a falsidade é o pior mal. Por serem transmitidos fundamentalmente por tradição oral, os ensinamentos são aprendidos na família, sendo pai e mãe os responsáveis por manter viva a tradição druzá. É na infância que aprendem a língua e os preceitos que alicerçam as regras de convivência. Afinal, para o druzo, viver aprende-se vivendo, ser druzo aprende-se no dia-a-dia, convivendo, casando-se entre seus pares e enterrando seus mortos, com a promessa de que suas almas reencarnarão novamente como druzas, até o último julgamento, quando serão avaliadas pelas suas ações e pela adesão ao Unitarismo.

Os druzos chegaram ao Brasil como parte de um grupo maior, os árabes. Ao chegarem à nova terra, muitos permaneciam ligados à comunidade de origem e a questão da identidade religiosa ocupava um lugar de destaque, tanto que, já no início do século XX, podemos encontrar registros da criação de instituições religiosas. É nesse

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e membro do Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental no Brasil (CERAL). Contato: nghabar@gmail.com

² É possível encontrar duas formas de grafar as palavras druzismo, druzo e termos afins ("z" e "s"). Aqui optamos pela forma que aparece na apresentação da instituição representante da comunidade druzá, no caso o Lar Druzo Brasileiro.

cenário que nasce o Lar Druzo Brasileiro de São Paulo (LDB), um espaço exclusivo da comunidade druzo.

Entrevista



Najat Zahreddine, nossa entrevistada, faz parte da comunidade do LDB. Nasceu no dia 8 de julho de 1947, na cidade de Behemoun, Líbano. Por volta dos nove anos de idade sua mãe morreu e, por isso, foi criada pelos avós paternos, os quais pertenciam a uma família tradicional de xeiques druzos *A/ AKI*, líderes máximos do Druzismo. Chega ao Brasil em 1966. Na imigração, teve seus quatro filhos, todos com curso superior completo, motivo de orgulho estampado na parede! Atualmente mora em São Paulo.

Como a senhora veio parar aqui no Brasil? O LDB já existia?

Chafic, meu marido, foi para o Líbano, me conheceu lá, casou-se comigo e me trouxe pro Brasil - isso foi em 1966. Em 1967, fui pra Venezuela, já que meu pai morava lá. Quando vim pra cá, já estava grávida da minha primeira filha, depois nasceu meu segundo filho, que atualmente mora na Venezuela. O terceiro também nasceu lá, mas veio para o Brasil com dois anos. Ele se naturalizou, porque é mais brasileiro do que qualquer coisa. Ficamos cinco anos lá, mas meu marido não gostou da Venezuela. Daí, em 1973, voltamos pra cá. Quando voltamos, viemos para São Paulo, aqui tive meu quarto filho. Um dia, fomos convidados para passear em Tupã, meu marido gostou do lugar, fez sociedade e ficamos lá 39 anos. Depois, voltamos pra São Paulo por causa dos estudos dos nossos filhos. Montamos um apartamento aqui e, todo mês, a gente vinha para cá. Já estamos aqui há dez anos. No interior é mais fácil de educar, os valores são diferentes, você tem que andar na linha, direitinho, porque na cidade pequena os valores são diferentes, todo mundo conhece um ao outro, não pode ter deslize - é igual ao que acontece em uma cidade druzo. Infelizmente, os druzos que ficaram no interior se perderam. Porque não tinha sede pra eles, são poucos e se misturaram com o povo brasileiro (nada contra o povo brasileiro). Você vê, se você sai de São Paulo até Panorama, eu não sei quantas cidades existem, vamos dizer, cem ou duzentas cidades, é difícil não ter um descendente de druzo. Eu conheci a maioria, mas eles casaram com brasileiros, e os netos falam "*meu avô era druzo*"! O LDB foi criado em 1969, por pessoas que se sentiam rejeitadas e que, quando queriam se casar, não havia quem fizesse o matrimônio, e as pessoas começaram a se casar na igreja. As pessoas sentiram que tinha

necessidade de fazer um "lar" - quem quisesse se casar, casaria de acordo com nosso tipo de casamento. Já tínhamos um xeique, o xeique Chakib Takieddine, que era de uma família tradicional e podia fazer os casamentos.

Como a senhora aprendeu sobre o Druzismo?

Quando minha mãe morreu, meu pai não quis levar a gente pra Venezuela, então eu fiquei com meus avós no Líbano. Aí que foi minha sorte, ter sido criada em uma família religiosa. Minha família é tradicional de xeiques *Al Akf*, em casa sempre tinha alguém conversando sobre religião, sempre eles me ensinavam uma folha. Meu avô falava assim: *"tem um dólar aqui (vamos dizer assim) você e seu irmão, se conseguir decorar aquela folha religiosa, ganha um dólar"*. Daí, eu pensava: *"se eu conseguir decorar aquela folha religiosa, vou ganhar um dólar!"* Foi assim, folha por folha! Tenho um livro com mais de cem anos, e o leio todos os dias. Eu pedi pra minha família o nosso livro - olha só como está por dentro, todo colorido, era da minha avó. Esses livros nossos são escritos a mão. Pode também não ser escrito a mão, mas isso não o valoriza. Tempos atrás, achei livro de gráfica, mas é diferente. Agora, eles não estão deixando trazer pra cá.

O que faz uma família ser chamada de tradicional?

São as famílias que descendem dos Luminares³. Emir quer dizer príncipe. Há xeiques da nobreza, como barões, por exemplo, mas eles não são, necessariamente, religiosos. Minha família é tradicional de xeiques *Al Akf*. Na época que foi divulgada a religião Unitarista, fomos perseguidos no Egito e muitos fugiram pro Líbano, Síria e Palestina. Nisso, os cinco membros nossos (Luminares) precisaram se afastar e, a partir daí, começou existir um xeique que manda no lugar de cada um desses cinco - é isso que garante a continuação. É por isso que os membros dessas famílias têm mais conhecimentos religiosos que os outros, eles foram sendo transmitidos na família, já que um vai contando pro outro. Antes, a liderança dos xeiques era pela família, um atrás do outro. Para decidir o líder dos druzos, todos os xeiques se reuniam nos templos dos profetas *Nabi Aiu* e *Amir Said Abdala Tannouri* e combinavam: *"vamos votar em tal fulano porque ele é eficiente para assumir o cargo"*. E, como nós tínhamos direita e esquerda, Jumblat e lazbaqui, então estavam escolhendo dois xeiques, um representante para cada grupo. Só depois é que começaram a ver que isso dividia os druzos e que

³ Grupo de cinco homens, espécie de ministros. São conhecidos como *hudud Sham'a de Tawhid* ("Vela do Unitarismo"), não por acaso descritos como "cinco Luminares ou Dignitários Espirituais", ou seja, aqueles que, de alguma forma, são responsáveis pela "vela que emana a luz" da mensagem anunciada pelo Unitarismo, que é a Unicidade de Deus.

poderia gerar guerra. Então, começaram a escolher um só, para não deixar os druzos se dividirem, terem brigas entre si.

Se a senhora fosse um homem, a senhora seria um xeique?

Eu sou uma orientadora árabe. Como eu, também há mulheres que ensinam, estudam, dão aulas. Elas têm todo o direito de aprender e passar o que sabe para os outros, meninos ou meninas. Só depois, a partir de certa idade, quando já não é certo que mulher fique junto com os homens, e eles ficam separados. Mas, agora não, já está mais aberto. Graças a Deus! Nossos princípios são muito rígidos, mas é muito correto. A gente começa a ver que as coisas estão relaxadas, então começa a pensar que fazem muito sentido os valores morais, o respeito. O tratamento dado à mulher, aqui, é lamentável. Até no Líbano está assim - a mulher é um objeto. Ela desvaloriza a si própria, não precisa que ninguém a desvalorize. Quando você vê uma pessoa discreta, bem comportadinha, ela vai chamar atenção sobre si. Até o modo de falar ajuda bastante. Antigamente, quando eu era nova, achava minha família muito rígida, mas, hoje, eu penso: *"graças a Deus por ter sido criada desse modo, porque sou aceita em qualquer lugar"*. Por quê? Porque a gente tem uma conduta em que se respeita para ser respeitado. Para falar o que é necessário. Como quando a gente pega um jornal e lê aquilo que presta, deixando de lado o que não presta. Isso ajuda bastante. O ser humano é egoísta. A religião serve para deixar a gente mais humilde. Você vê como conquistou todo mundo esse Papa Francisco? A gente sente que está diante de um ser humano muito humilde e que pode chegar até ele, que não existe aquela barreira. Quando você precisa transmitir alguma coisa, não pode fazer isso com briga, com gritos ou argumentos do tipo *"eu sei e você não sabe!"* Você tem que passar os ensinamentos da mesma forma como aplicaria uma anestesia, aos poucos, para as pessoas poderem entender suas palavras e a mensagem. E também para ser fácil, para você, conquistar essa pessoa, para que ela possa acreditar naquilo que você está falando. Por mais que você queira passar algum conteúdo, alguma mensagem, não entra mais na cabeça, porque os valores deles já não são mais os valores morais, os valores deles são os valores de "bens". Antigamente, essas pessoas que vinham de família tradicional eram criadas com respeito, mas esses jovens que vieram depois da guerra civil do Líbano... durante um período foram pra guerra e pararam de estudar. A guerra conseguiu detonar tudo o que era bom em relação aos princípios dos jovens. Eles não estão vendo mais como está papai, como está mamãe, como estão os avós, só pensam que precisam ganhar dinheiro – *"porque daí posso*

comprar tal carro, posso comprar tal coisa, posso mostrar! Já as meninas, como não participaram da guerra, continuaram estudando e isso implicou mais meninas que têm estudo do que homens, e houve muita diferença de cultura. As meninas não estão mais tolerando coisas como *"é meu marido, tenho que respeitar, ou a família tem que estar em primeiro lugar, ou, como a Bíblia fala: em primeiro lugar o homem, depois a mulher"*. Quando elas estão vindo pra cá, se veem os homens meio "durões", meio "mão de vaca", dão um chute neles e se mandam! Tivemos três casamentos desmanchados tempos atrás. Elas pensam assim: *"não tenho necessidade de passar por isso, sou independente"*. Antigamente, os pais falavam *"ele é seu marido, vocês vão formar uma família"*; atualmente, falam: *"se você não está contente, volte pra casa! Você não precisa passar por isso"*. Isso é difícil... isso não é bom! Eu fico muito decepcionada porque, antes, a gente era exemplo de boa conduta, de caráter, de dignidade. Se acontecia alguma coisa em nosso meio, era uma vergonha! Agora, um quer passar o outro pra trás! Coisa louca! Você vê, a gente fica com o círculo mais fechado, entra menos gente, porque a gente não sabe como são as pessoas.

O que caracteriza um xeique?

O sheique deve ensinar carinho, respeito, essas coisas. Deve abrir mão da vaidade, por isso adota essas roupas, que fazem todo mundo parecer igual. Os homens raspam a cabeça para demonstrar que abriram mão da vaidade. O véu da mulher serve para não mostrar a beleza da mulher. O seu corpo não pode chamar mais atenção do que o lugar.

O Druzismo, apesar de ser uma religião com raízes islâmicas, acredita na reencarnação. Como os druzos entendem a reencarnação?

Para os druzos é assim: se morre aqui, nasce ali, na hora! Na hora de nascer! Eu estava lendo um livro e nele estava escrito que nós temos duas almas, uma espiritual uma alma "carnal", vamos dizer assim. Às vezes, os padres falam que não pode tirar [abortar] o bebê, mas a alma espiritual ainda não está na barriga da mulher. Fiquei pensando: *"não é possível!"* Aí eles estavam explicando que, na hora em que a criança nasce, o espírito entra pela boca. Então, o aborto não é uma proibição no Druzismo. É permitido que a pessoa se lembre da história de sua vida anterior. Às vezes, a gente vê o bebê recém-nascido e percebe que em uma hora ele está rindo, na outra está chorando, dormindo - está lembrando, porque ainda não se conectou com essa vida, ele está lembrando-se da outra. Quando meu filho sofreu um acidente, ficou internado no

hospital Albert Einstein e quase morreu. Coloquei debaixo do travesseiro dele um *haris*⁴. Quando ele ficou bom, o médico me perguntou a que religião eu pertencia, porque minha reza era forte. Ele conhecia os druzos. Ele ficou um mês em coma; quando começou a acordar, ele falava inglês, só que ele não sabia inglês. Antes, a gente falava para ele estudar inglês e ele não estudava. Quando ele acordou mesmo, voltou a não saber mais nada de inglês. Isso deixou a gente meio sem saber... Quando ele começou a lembrar das coisas, me disse: *"mamãe, eu vi que eu estava num lugar pequenininho, como se fosse uma caixa de palha, meio escurinho, e entrou um senhor e disse: 'o que você veio fazer aqui?! Volta! Volta!'"*. Falou pra mim: *"mamãe, nesse mês eu não estive com vocês, eu estive em outro lugar, eu era pequenino"*. Depois do acidente, ele está mais religioso! Ele olha para as pessoas e diz: *"cuidado, fulano não gosta de você!"*. Daí eu digo para ele me deixar sossegada! Depois disso, fiquei muito mais apegada à religião. Tem uma força além que nos encaminha a todos sem a gente perceber. Por isso a gente precisa ter muita fé. Eu penso assim! Acho que não é justo existir só uma vida, em que Deus vai nos castigar. Então, que Deus é esse?! Então, a gente vai reencarnar, reencarnar e eu vou falar para Deus - *"se você tivesse me deixado ser bonita, ou ser médica, talvez eu não errasse; se você tivesse permitido que eu fosse um mestre ou uma pessoa culta, provavelmente eu não erraria. Se você me deixou pobre, como você quer que eu não erre, ou, então, se me deixou feia, como querer que eu não erre?!"* Então, a gente vai passando por essas vidas todas.

Em sua opinião, qual o futuro do Druzismo para a comunidade do LDB?

Do jeito que vai, vai acabar. Às vezes, a gente pensa que há sempre uma luz no fim do túnel. Mas, do jeito que está indo... é lamentável. Entra na igreja, tudo tocando, e acha que esse é o paraíso! Desculpe, né! Não estou querendo ir contra a Igreja Católica, talvez seja um modo para aproximar as pessoas, mas não é assim, porque a religião é uma coisa que faz a gente saber dominar nossos sentimentos, saber usar nossa cabeça. O cérebro da gente é pra funcionar, não é de enfeite!

Esse negócio de os pais começarem a explicar para os filhos que somos "the best" ou somos o "top", não pode. Tem que falar que temos princípios, temos moral, temos isso e aquilo, né?! Mas, ninguém é melhor do que ninguém, porque, no dia que a gente erra, o erro nosso é muito mais grave que os dos outros. Assim que tem que explicar porque a pessoa que não está orientada como é nossa religião, se erra tudo bem. Mas nós que sabemos, não podemos errar! Já fomos orientados!

⁴ Oração escrita a mão pelos sheiques druzos, que tem a função de proteger as pessoas.

(São Paulo, abril de 2013).

Recebido: 24/4/2013

Aprovado: 2/5/2013